

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Corrida pelos evangélicos

Justificam-se os gestos dos pré-candidatos ao eleitorado evangélico: eles representam hoje 34% dos religiosos. Em 2010, eram 20%.

Difícil tirar deles

Quem acompanha todas as pesquisas de intenção de voto considera que a tendência desta temporada eleitoral é a reeleição. Pelo menos, para os governadores-candidatos. A maioria deles recebeu recursos durante a pandemia e tem a caneta na mão para inaugurar obras.

Solidariedade assediado

Desde que anunciou que estava fora do palanque de Lula, Paulinho da Força vê uma romaria de pré-candidatos à sua porta. Agora, foi a vez de Eduardo Leite. Os aliados do ex-governador gaúcho continuam tentando buscar um movimento de fora para dentro.

O tema é a economia

Os bolsonaristas chamam Lula de ladrão, os petistas listam vários escândalos do governo. Jogo empatado nesse campo, os dois lados que hoje torcem pela polarização consideram que o grande tema desta campanha será a economia.

Classe média, a esperança de Bolsonaro

Alvo de adversários do governo, a classe média é considerada estratégica pelos bolsonaristas. Eles acreditam que é nesse eleitorado que o presidente Jair Bolsonaro conseguirá a alavanca para reduzir a rejeição a níveis mais seguros, capazes de garantir um segundo mandato. Por isso, a ordem no governo é, daqui por diante, valorizar tudo que foi feito para esse segmento. Como, por exemplo,

o reajuste da tabela do imposto de renda.

De quebra, a turma do presidente jogará luz sobre o que os adversários têm dito. Em especial, Lula. O ex-presidente disse, há poucos dias, que a classe média ostenta desnecessariamente. No passado, Aristóteles, Montesquieu e Tocqueville destacaram a importância da classe média. Afinal, quem está abaixo quer ascender.



CURTIDAS

Por dentro... / O deputado Aécio Neves (PSDB-MG) aproveitou a segunda-feira morna em Brasília para dinamitar João Dória em São Paulo. Ele esteve com Fernando Henrique Cardoso, com quem discutiu os cenários eleitorais e as chances de Eduardo Leite.

... e por fora / Com Michel Temer, Aécio discutiu a chapa Simone Tebet/ Eduardo Leite. Aliás, depois que a senadora anunciou, em entrevista ao **Correio**, que não será vice de ninguém, o único que resta no papel de vice é Leite.

Denise Rothenburg



Enquanto isso, em Minas Gerais... / Em João Pinheiro, o visitante se depara com a cachaça artesanal Caninha do Lula. No rótulo, escrito "aguardente de cana roubada" e "engarrafada secretamente no Palácio do Planalto".

... a campanha começou / Um outdoor na estrada traz a foto de Jair Bolsonaro, que visitou recentemente a região.

DITADURA Vice-presidente ironiza revelações de que ministros do Superior Tribunal Militar tinham conhecimento de tortura no regime de repressão. Ele descarta qualquer revisionismo. "Apurar o quê? Vai trazer os caras do túmulo de volta?"

Mourão debocha da história

» INGRID SOARES
» CRISTIANE NOBERTO
» TAINÁ ANDRADE

O vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) ironizou uma possível investigação de casos de tortura na ditadura militar. Sessões do Superior Tribunal Militar (STM) entre 1975 e 1985 revelam denúncias no Brasil, de acordo com áudios inéditos analisados pelo historiador Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Perguntado sobre a possibilidade de haver investigações a partir das revelações contidas nos áudios, Mourão reagiu com sarcasmo. "Apurar o quê? Os caras já morreram tudo, pô. Vai trazer os caras do túmulo de volta?", debochou, na chegada ao Palácio do Planalto.

O vice-presidente explicou o seu entendimento sobre esse período histórico. "É lógico, você tem que conhecer a História. A História, ela sempre tem dois lados ao ser contada. Então, vamos lembrar: aqui houve uma luta, dentro do país, contra o Estado brasileiro, por organizações que queriam implantar a ditadura do proletariado aqui. Era um regime que na época atraía, vamos dizer assim, uma quantidade grande da juventude brasileira e, também, parcela da sociedade, mas que perderam essa luta. Ah, houve excessos? Houve excesso de parte a parte."

Os áudios foram revelados pelo jornal *O Globo*. Em um dos trechos, o general Rodrigo Octávio Jordão Ramos diz, em 24 de junho de 1977. "Fato mais grave suscita exame, quando alguns réus trazem aos autos acusações referentes a tortura e sevícias das mais requintadas, inclusive provocando que uma das acusadas, Nádia Lúcia do Nascimento,

abortsse após sofrer castigos físicos no Doi-Codi."

Ofício ao STM

O presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado, senador Humberto Costa (PT-PE), encaminhou ofício ao STM a fim de obter as gravações realizadas pela corte.

O parlamentar considera as denúncias muito graves. "Ministros do STM, na época da ditadura, tinham conhecimento das práticas de violência, morte e tortura nos órgãos militares e também nas instalações de segurança pública. Essa denúncia é particularmente relevante porque ela reforça, confirma áudios daquela época que mostram que era de conhecimento dos ministros a existência dessas torturas e também o fato de que pouco foi feito para evitá-las", apontou. Nas redes sociais, diversos políticos repudiaram as declarações de Hamilton Mourão.

Eneá de Stutz e Almeida, professora da Faculdade de Direito da UnB e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Justiça de Transição no Brasil, também aponta a importância dos registros.

"Nesses áudios, há militares de alta patente que confirmam que sabiam que a tortura era usada como mecanismo sistemático de repressão, ao contrário, por exemplo, da afirmação de hoje (ontem) do Vice-Presidente da República", diz a pesquisadora.

Ela afirma a necessidade de se repensar temas como ditadura e democracia. "O que é possível avançar — e é muito importante que isso aconteça — é o debate sobre a ditadura e a tortura, que aconteceram e foram muito ruins, e a democracia, que precisa ser defendida", disse.

Romério Cunha/ VPR



Mourão: "A história sempre tem dois lados ao ser contada. Houve excesso de parte a parte"

Godoy, o quinto ministro da Educação

Quinto ministro da Educação no governo Bolsonaro, Victor Godoy chegou à pasta em julho de 2020, mesmo mês em que foi nomeado seu antecessor, Milton Ribeiro. Ele ocupou o cargo de secretário-executivo do MEC por pouco menos de dois anos, até ser oficializado, ontem, como titular do ministério. Antes, passou 16 anos na Controladoria-Geral da União (CGU), onde começou como auditor federal.

Godoy tem uma graduação e duas especializações, nenhuma delas na área da Educação. Segundo informações do ministério, ele é formado em engenharia de redes de comunicação

de dados pela Universidade de Brasília (UnB). Concluiu o curso em 2003, um ano antes de ingressar na CGU.

O novo ministro tem especialização em defesa nacional pela Escola Superior de Guerra. O tema de sua monografia nessa formação é a "competência dos órgãos públicos no combate à corrupção".

O antecessor dele, ex-ministro Milton Ribeiro, foi afastado após denúncias de corrupção envolvendo o gabinete paralelo de pastores que interferiam no empenho de verbas da pasta. Ao anunciar Godoy como seu número 2, em 2020, Ribeiro

destacou que o então novo secretário executivo trabalhava na área da CGU que auditava o MEC. Uma de suas primeiras ações na pasta foi exonerar quatro ex-assessores especiais do ex-ministro Abraham Weintraub.

Em 13 de janeiro de 2021, Godoy participou de reunião do MEC com os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos, a dupla que compunha um "gabinete paralelo" da pasta. A agenda foi um café da manhã com diversos pastores. Entre eles, estavam alguns dos que relataram só ter conseguido acesso ao ministério por meio dos pastores, como Nilson Caffer (PTB), Adelfia Moura

(PSC), Laerte Dourado (PP) e Fabiano Moreti (MDB).

Godoy também tem especialização em globalização, justiça e segurança humana pela Escola Superior do Ministério Público. Conforme currículo na plataforma Lattes, publicou somente um artigo em periódico científico.

Fontes ligadas à área de educação dizem saber pouco sobre Godoy, que seria conhecido como um "burocrata". Segundo outros fontes, a análise do governo foi que de que a imprensa não envolveu muito o nome dele nas denúncias e que o fato de ter trabalhado na CGU fortaleceria a imagem de maior fiscalização.



O que é possível avançar, e é muito importante que isso aconteça, é o debate sobre a ditadura e a tortura, que aconteceram e foram muito ruins, e a democracia, que precisa ser defendida"

Eneá de Stutz e Almeida, professora da UnB e coordenadora do Grupo de Pesquisa Justiça de Transição no Brasil